



## Espelho ou Vidraça. Um retrato em preto e branco da/o brasileira/o no século XXI.

---

**Luiz**

Os versos das duas canções abaixo são expressões poéticas e políticas de momentos diferentes de nossa formação social. Os significados de suas respectivas letras são memórias vivas no presente, faróis que podem iluminar um percurso monográfico que transite entre olhar e ser olhada/o e assim usar a escrita como uma câmera dinâmica, mostrando-nos que “ler é saber que o sentido pode ser outro”, como ensina Eni P. Orlandi, seja na poesia, na prosa, na história em quadrinhos, nas telenovelas, nas séries e filmes, enfim, na vida.

I  
Morro velho(1977)  
Milton Nascimento

“No sertão da minha terra  
fazenda é o camarada que ao chão se deu  
Fez a obrigação com força  
parece até que tudo aquilo ali é seu

Só poder sentar no morro  
e ver tudo verdinho, lindo a crescer  
Orgulhoso camarada  
de viola em vez de enxada.

Filho de branco e do preto  
Correndo pela estrada atrás de passarinho  
Pela plantação adentro,  
Crescendo os dos meninos, sempre pequeninos  
Peixe bom dá no riacho  
De água tão limpinha, dá profundo ver  
Orgulhoso camarada  
Conta histórias pra moçada.

Filho do senhor vai embora  
Tempo de estudos na cidade grande  
Parte, tem os olhos tristes,  
Deixando companheiro na estação distante

Não esqueça amigo, eu vou voltar  
Some longe o trenzinho ao Deus-dará.  
Quando volta já é outro

Trouxe até sinhá mocinha para apresentar

Linda como a luz da lua  
Que em lugar nenhum rebrilha como lá  
Já tem nome de doutor  
E agora na fazenda é quem vai mandar  
E seu velho camarada  
já não brinca, mas trabalha.”

II

### **Banho de Lua (1960)**

Celly Campello.

Fui à praia me bronzear, me queimei, escureci  
Mamãe bronqueou, nada de sol.  
Hoje só quero a luz do luar.

Tomo um banho de lua, fico branca como a neve  
Se o luar é meu amigo censurar ninguém se atreve  
É tão bom sonhar contigo  
Oh! Luar tão cândido

Sob um banho de lua, numa noite de esplendor  
Sinto a força da magia, da magia do amor  
É tão bom sonhar contigo  
Oh! Luar tão cândido

Tim tim tim raio de lua  
Tim tim tim baixando vem ao mundo, a lua  
a cândida lua tem.  
Tomo banho de lua.”

Quem somos, como somos, por que somos. São algumas perguntas que nos fazemos e que, por outro lado, sugerem outras: como nos vemos e somos vistos, no universo, espetacularmente, dramático da sociedade contemporânea, com todas as conexões que podemos ou não fazer.

As imagens, os sons, as cores e os odores em movimento forjam as linguagens de um tempo fugaz, ou como assinalam, em suas palavras finais, personagens do livro: Ensaio sobre a cegueira, de José Saramago:

“...Queres que te diga o que penso, Diz, penso que não cegámos, penso que estamos cegos, Cegos que vêem, Cegos que, vendo, não vêem.

A mulher do médico levantou-se e foi à janela. Olhou para baixo, para a rua coberta de lixo, para as pessoas que gritavam e cantavam. Depois levantou a cabeça para o céu e viu-o todo branco, Chegou a minha vez, pensou. O medo súbito fê-la baixar os olhos. A cidade ainda ali estava.”

Produzimos e somos partes de discursos diversos e complexos sobre a nossa presença individual e coletiva na vida, priorizando interesses e necessidades de curto e médio prazos que contemplem os nossos sonhos e desejos presentes e futuros e, por isso mesmo, muitas vezes, tropeçamos em nossos próprios pés, ao tirarmos os olhos de nossos umbigos, para nos contemplarmos no espelho, evitando as vidraças.

Muitas vezes, ouvimos versos que denunciam que “a carne mais barata no mercado é a carne negra,” ou ainda que “índio cantou o seu canto de guerra não se escravizou, mas está sumindo da face da terra.” E até mesmo glorificam “a mulher de verdade”, como aquela que “acha bonito não ter o que comer...”

Mas, de repente, uma surpresa... ou uma pedrada quebra a vidraça e...

“Estou a mil quilômetros dos Jardins ao receber a notícia, por telex, da perseguição aos rapazes do Fusca azul. Minha primeira reação é de estranheza. Tenho três anos de experiência em reportagens sobre violência. Por força do trabalho e pelas histórias da minha vida pessoal, já conheço bem os métodos de ação das polícias militares, criadas há poucos anos pela ditadura em vários Estados do país. O chefe da editoria de polícia da Folha da Manhã, meu amigo Licínio Azevedo, também está surpreso.

- Os garotos são da fina flor da sociedade, famílias tradicionais. O bairro deles é o mais rico...Como explicar isso, Caco?

- É estranho. A Rota foi criada para combater guerrilheiro. Faz tempo que a guerrilha acabou...

- Talvez sejam uma nova organização...

- Mas o motorista do Fusca tem 17 anos. Guerrilheiro com essa idade, Licínio?

- Não podemos esquecer que ultimamente os PMs andam caçando criminosos comuns...

-Mas só criminoso pobre. Rico, jamais!”

O trecho acima é o início do capítulo 3, do livro Rota 66, de Caco Barcellos, descrevendo uma situação inusitada, envolvendo a polícia militar de São Paulo em uma perseguição a jovens da classe média paulistana, que não termina bem. Uma das mais importantes leituras sobre a violência policial, no país, e sobre quem e como ela recai, Publicado, pela primeira vez, em 1992 e ainda atual.

O nosso desafio é articular todas essas e outras informações e criar uma monografia em que o eu seja nós.